

# HOMOFOBIA E MISOGINIA NA PRÉ-HISTÓRIA: Genealogia da violência

## HOMOPHOBIA AND MISOGYNY IN PRE-HISTORY: Genealogy of violence

DOI: 10.15668/1807-8214/artemis.v21n1p27-36

### Resumo

O presente artigo tem por objetivo discorrer sobre a questão da homofobia e sua possível relação com a misoginia; para tanto, importa a retomada dos mais arcaicos resquícios do passado em busca do que, possivelmente, apontou para o início do falocentrismo. Desta feita, torna-se necessário a discussão a respeito da violência no período pré-histórico. A pergunta que resume a pesquisa pode ser, então, formulada: qual a relação entre a homofobia e a misoginia na Pré-História, tendo em vista o falocentrismo? No que se refere ao método de pesquisa, o artigo será realizado por meio de revisão bibliográfica e busca de literatura, mormente no campo antropológico. Tendo em vista que tanto a homofobia quanto a misoginia se tratam de questões morais, a pesquisa também introduzirá o pensamento filosófico de Nietzsche.

**Palavras-Chave:** Falocentrismo. Homofobia. Misoginia. Pré-História.

### Abstract

This article aims to discuss the issue of homophobia and its possible relationship with misogyny. Therefore, it is the resumption of the archaic remnants of the past in search of what possibly pointed to the beginning of phallocentrism. About that, it's necessary to discuss about violence in the prehistoric period. The question that summarizes the research can then be formulated: what is the relationship between homophobia and misogyny in prehistory, in view of the phallocentrism? With regard to the research method, the article will be carried out through literature review and literature search, especially in the anthropological field. Considering that both homophobia as misogyny are dealing with moral issues, the survey also introduce the philosophical thought of Nietzsche.

**Keywords:** Phallocentrism. Homophobia. Misogyny. Prehistory.

E, inda tonto do que houvera,  
À cabeça, em maresia,  
Ergue a mão, e encontra hera,  
E vê que ele mesmo era  
A Princesa que dormia  
PESSOA( 2010: p. 75)

---

**FELIPE ADAID**

PUC/Campinas

felipeadaid@gmail.com

O subtítulo do presente artigo foi pensado como influência da obra *Genealogia da Moral* de Friedrich Nietzsche, na qual o filósofo alemão também realiza uma análise sistemática da origem da moral. Pode-se dizer que da Pré-História até o período Pós-Moderno, os valores morais<sup>1</sup> inequivocamente têm se mostrado um tema de demasiada importância na evolução do pensamento humano, sobretudo no que se refere às questões envolvendo a homossexualidade e seus desdobramentos. Assim, a mais prolixa análise da moral se torna de absoluta necessidade como prévia ao crítico estudo das origens da homofobia.

A moral é uma criação abstrata humana relativa a uma determinada sociedade, como tal, é uma construção coletiva de valores, cujos objetivos importam em limitar e orientar o comportamento humano. É a moral que determina o que é bom ou mau, justo ou injusto. Desde a mais incipiente idade, as crianças já são influenciadas por valores que determinam o que se deve fazer ou pensar, inclusive, são os próprios cuidadores que, incumbidos de educá-las, primeiramente começam a moldar seus comportamentos. Por seu turno, estes mesmos educadores também foram ensinados e ainda estão num processo de aprendizagem no meio social.

Logo, é possível sopesar que o meio em que a moral se propaga, entre os indivíduos de uma sociedade, é o próprio conhecimento. As informações chegam aos indivíduos, que são seres cognoscentes, e são introjetadas. Por meio dessa cadeia de conhecimentos é que se dissipam noções de comportamentos e costumes que devem ser respeitados.

Contudo, em meio a essa complexa relação, a moral nem sempre é construída de forma inocente, ou naturalmente desenvolvida no meio social.

O processo de representação de um valor nem sempre é arbitrário, assim, tornar algo certo ou errado, bonito ou feio, pode ter modificado

precisamente. Tendo consciência desse processo de construção e criação axiológico, invariavelmente alguns grupos poderão dominá-lo, criando novos valores ou revalorando criações antigas. Nesse novo processo de revalorização, determinado fato poderá ter uma nova concepção. Essa elite dominante e poderosa tornará aquele fato bom ou ruim. Tudo dependerá de seu interesse.

Foram os bons mesmos, isto é, os nobres poderosos, superiores em posição e pensamento, que sentiram e estabeleceram a si e a seus atos como bons, ou seja, de primeira ordem, em oposição a tudo o que era baixo, de pensamento baixo, e vulgar e plebeu. Esse pathos da distância é que eles tomaram para si o direito de criar valores, cunhar nomes os valores NIETZSCHE (2007: p. 19).

É possível cogitar que, no início, esse poder de decidir o que era certo ou errado tenha sido mais natural. Sabendo que no início os agrupamentos humanos eram reduzidos, é possível deduzir que houvesse um ou alguns indivíduos dominantes. É difícil imaginar que o ser humano primitivo tenha arquitetado e planejado de forma tão complexa e meticulosa esse plano de domínio. O mais provável é que ele tenha ocorrido paulatinamente à medida que se formavam líderes dominantes, os quais detinham o poder soberano. Decidir, *exempli gratia*, sobre o dia da caça, ou quais integrantes do grupo participariam dela, deve ter sido as primeiras formas de domínio moral, tendo em vista talvez um misticismo e algum pouco conhecimento de estratégia.

Para esse grupo dominante, Nietzsche dará o nome de Aristocratas. Os quais se distinguem dos demais, chamados de rebanho, a grande massa obediente que se submete à influência dos grupos superiores. Em linhas gerais, toda aristocracia aponta para o elitismo de determinado grupo. Esta dicotomia hierárquica decorre da estratificação de determinada

<sup>1</sup> Segundo Abbagnano, etimologicamente, entende-se que o vernáculo moral venha do radical latino *mores*, relativo à ideia de costume. Assim, a ideia de uma conduta ser moral, tem os dois significados correspondentes: atinente à doutrina ética, atinente à conduta e, portanto, suscetível de avaliação moral, especialmente na avaliação moral positiva. Assim, não só se fala de atitude moral para indicar uma atitude moralmente valorável, mas também coisas positivamente valoráveis, ou seja, boa (ABBAGNANO, 2007).

sociedade em dois blocos distintos, quais sejam: o rebanho, cuja mediocridade fê-los tornar homogêneos em meio à grande massa; e os aristocratas, cuja autossuperação fê-los tornar demasiadamente distintos e superiores à massificação.

A gregariedade não nasceu da espontaneidade de um instinto social colocado no homem pela natureza, mas de uma obrigação imposta pelas castas dos mais fortes pelo medo da morte que sobreviria caso os homens não estabelecessem uma associação diante de um perigo comum. [...] O rebanho é o modo e a condição de existência do homem moderno: o rebanho é a massa. O rebanho moderno é o resultado da exacerbação do antigo e originário instinto gregário – o instinto animalesco de bando –, quer dizer, a sociedade de massa moderna é o instinto gregário levado até as suas últimas conseqüências SOBRINHO (2007: p. 21).

Na formação do rebanho, ocorre o próprio afastamento da individualidade, em que o ser humano deixa de ser uma figura ativa e passa a ser apenas um mero elemento coadjuvante no conjunto. Deve-se ressaltar que a crítica não se dá pelo instinto gregário humano, visto que este é apenas um aspecto social humano. A crítica está justamente na excessiva e absoluta dependência que alguns adquirem do grupo social. Assim, pode-se cogitar que a gregariedade humana não ocorreu arbitrariamente, foi inicialmente o *animus* de sobreviver em um mundo extremamente hostil e o medo de morrer que fez com que os homens se agrupassem.

Apartada a distinção destes dois grupos, a análise do aristocracismo nietzschiano aponta, primeiramente, para uma elite intelectual, os mais inteligentes dominam os mais insipientes. “Desde que houve homens, houve também rebanhos de homens

– associações de famílias, comunidades, tribos, povos, Estados, Igrejas – e sempre muito obedientes em comparação com o pequeno número daqueles que mandam” NIETZSCHE (2007: p. 109). Nesse raciocínio, é possível dizer que a análise etimológica do vernáculo “aristocrata” reforça essa afirmativa de superioridade. O vocábulo grego *ἀριστος* – *aristós* – representa a ideia de um indivíduo singular e superior (DICIONÁRIO ACADÊMICO, 2009) <sup>2 3</sup>. Assim, o aristocracismo aponta para aquele indivíduo, ou grupo, que se diferencia do prosaico, ou seja, o que se esquia da massificação e do nivelamento por meio de seu poder e domínio.

A aristocracia de Nietzsche é então uma nova classe de homens superiores, afastados da religião, da política e dos valores morais vigentes. O seu aristocracismo está fundado na ideia de que os homens são desiguais: guias e rebanhos, homens completos e homens fragmentados, homens bem-sucedidos e homens fracassados. Uma aristocracia se define pela independência, auto-referência e autodomínio dos seus membros em relação a todos os outros homens, que são escravos e devem trabalhar como instrumento dela. [...] Esta nova nobreza se define então pelo distanciamento e oposição ao populacho, para quem todos são iguais e não há homens superiores SOBRINHO (2007: p. 55).

A filosofia nietzschiana sugere uma inexatidão em relação à dicotomia entre aristocrata e rebanho. Parece não haver um divisor de água preciso entre eles, não obstante a inexistência deste marco divisor, é possível notar um profundo sentimento de domínio por parte dos aristocratas em relação ao restante da massa. A obediência *rebânica* (neologismo) se relaciona à própria passividade com que este tipo humano é afetado pelos valores impostos, ou

<sup>2</sup> “O que é aristocrático? Que sentido a palavra aristocrático pode ter ainda hoje? Onde se releva, em que se reconhece o homem aristocrático, sob o céu pesado e ameaçador desta nascente supremacia do vulgar, este céu que tona todas as coisas opacas como chumbo? Não são as ações que indicam isso – as ações são sempre ambíguas, sempre insondáveis –; não são também suas obras. Atualmente, podemos encontrar muitos artistas e eruditos, cujas obras denunciam um profundo desejo de valores aristocráticos, mas é precisamente este desejo que é radicalmente diferente das necessidades do espírito aristocrático, e constitui o sinal eloquente e perigoso da ausência de um espírito assim disposto. Aqui, não são as obras que decidem e fixam a hierarquia, mas a fé, para retomar uma velha fórmula religiosa num sentido novo e mais profundo: alguma certeza íntima inerente à alma aristocrática, algo que não se pode procurar, nem achar, nem talvez perder – a alma aristocrática tem respeito por si” NIETZSCHE (2008: p. 314). Segundo a interpretação do legado de Nietzsche, é possível e necessário que

seja, pertencer ao rebanho representa a própria incapacidade e submissão aos domínios da moral.

A metáfora se torna clara quando se entende que é uma característica do rebanho seguir o pastor cegamente. Logo, a elite dominadora é representada por espíritos livres, a própria superioridade torna-os senhores de seus atos, não havendo, pois, submissão a outros valores morais. O aristocrata, ao invés de seguir os valores impostos pela sociedade, utiliza-se da reavaliação para reconstruir e criar outros valores para si.

*In summa*, os valores morais são, a todo momento, condicionados a um processo de transformação. Essa reavaliação é realizada ao alvedrio da elite e incorporada pela sociedade, ou seja, os valores são introduzidos na sociedade pelas castas superiores e obedecidos pelo rebanho. É o próprio ser humano que conscientemente cria seus valores

segundo suas necessidades e anseios. A este respeito, tendo em vista que os valores são incorporados pela elite, discute-se, na filosofia de Nietzsche, até que ponto os aristocratas têm autonomia sobre estes valores, em outras palavras, em que medida os aristocratas estão imunes à influência dos valores de o que é bom e o que é mal. De acordo com esta filosofia, o aristocrata teria capacidade de criar seus próprios valores, ou seja, revalorar os valores sociais.

Já se usurpando dos próprios ensinamentos nietzschianos<sup>4</sup>, possivelmente deva ser muito contraditório, ou minimamente inoportuno, chamar todos os esforços dispendidos por Nietzsche, ao tratar das questões relativas à moral, no decurso de suas obras, como mero *conceito moral* ou *concepção moral*. A construção e a crítica da moralidade, tratadas até agora, talvez tenham sido o grande triunfo de Nietzsche e merece a maior respeitabilidade

se estabeleça uma divisão entre dois tipos distintos de aristocracias, os quais são tratados e criticados de forma bastante distinta. Primeiramente existe uma elite que detentora do poder, que exerce um domínio nas mais diversas perspectivas: intelectual, econômico, político, ideológico e religioso. Na prática esta aristocracia é representada pelos ainda poderosos e ativos filhos do arcaico império, os políticos, as igrejas e os grupos midiáticos controladores de informação, que por vezes se confundem. De outra banda, Nietzsche estabelece o ideal de homem de excelência, o além do homem – *Übermensch* –, uma concepção um tanto utópica de existência. Esse magnífico protótipo da humanidade seria aquele ser capaz de se desvencilhar de todos os mais nefastos males mundanos, que na concepção nietzschiana, talvez se personificasse na própria dominação moral imposta. Como fica expresso nesta referência em epígrafe, Nietzsche acreditava que grande parte dos doutos e intelectuais de sua época, bem como grande parte dos pensadores pretéritos não representavam verdadeiramente ser ideal de *Übermensch*. Esses pensadores, na realidade, conspiravam e intensificavam o processo de massificação, tornando mais difícil se chegar a esse excelso patamar. Feita esta distinção, não obsta ressaltar que para a presente pesquisa, qualquer menção de aristocracia representa seu sentido mais funesto (NIETZSCHE, 2011).

<sup>3</sup> Maxime, em seu último período, Nietzsche sempre se mostra como o grande cultuador do conhecimento, numa patológica defesa do elitismo intelectual – a busca em se tornar um *Übermensch*. De todas as obras de Nietzsche, é possível que *Ecce Homo* seja a mais autobiográfica, escrita aos quarenta e quatro anos de idade, no ápice de intelectualidade e as portas de seu declínio demencial. Por meio de sua leitura, contudo, a fria análise de sua personalidade mostra-o como um homem há muito tempo doente e consciente de sua fragilidade. A obsessão com que ele recorrentemente critica a ignorância e a massificação social, ressaltando as eminentes qualidades em ser ou vir a ser um *Übermensch*, demonstra sua prepotência e necessidade de autoafirmação intelectual. Seu impávido julgamento não poupou nem mesmo os personagens mais ilustres pensadores em *Crepúsculo dos Deuses*. Escrita alguns meses antes que *Ecce Homo*, Nietzsche, em um tom ora sarcástico ora insano, fez questão de desmascarar os grandes ídolos da humanidade: “Dante ou a hiena que faz poesia nos túmulos; [...] Victor Hugo ou farol do mar do absurdo; [...] George Sand, a vaca leiteira; [...] Renan, pecador original; [...] Zola ou a alegria de feder” (p. 75). Essas críticas implacáveis se estendem por mais de sessenta páginas, apenas alguns nomes se salvam em sua lista, entre eles: Schopenhauer “o único filósofo que entra em consideração” (p. 93) e Goethe “o último alemão, frente ao qual tenho veneração” (p. 126). Diante da morbidez com que desmistifica nomes tão imaculados, não é de se surpreender que possivelmente nem mesmo Nietzsche se considerasse um verdadeiro *Übermensch*. Talvez esta tenha sido sua grande cobiça – e seu maior fracasso (NIETZSCHE, 2009).

<sup>4</sup> Quando se fala em ensinamentos nietzschianos, deve-se ter em mente sua grande crítica em relação ao pensamento dogmático e às concepções derradeiras. No fragmento 483 da obra *Humano, demasiado humano*, Nietzsche afirma que as “convicções são inimigas da verdade e mais perigosas que as mentiras” NIETZSCHE (2005: p. 243). A própria ideia de conceito é absolutamente contraditória a suas ideias, visto que definições finalísticas e acabadas não corresponde às verdades dos fatos. Mais do que a crítica à moralidade, o desenvolvimento de um tipo de filosofia que não se prende à ideias fixas, nem que se resume a frases decoradas, foi a grande inovação filosófica de Nietzsche, que foge totalmente ao modelo cartesiano adotado até o século XIX.

acadêmica. Não obstante a nomeação dada, toda a análise do processo de surgimento axiológico da moral, bem como sua relação com a revalorização e dominação, tem grande intimidade com a discussão da homofobia que será realizada doravante.

Como pensar no desenvolvimento do pensamento humano a respeito da homofobia? Talvez fosse mais fiel aos dados históricos, se a divisão pedagógica dos períodos obedecesse à conformidade de paradigmas<sup>5</sup> que se estabeleceram. Desta forma não se teria uma divisão organizada pela clássica cronologia das idades, qual seja, antiguidade, medievo e modernidade. Ter-se-ia a singela descrição dos acontecimentos humanos que se tornaram mais notórios: a influência pagã primitiva, a pederastia grega e as perseguições medievais e o surgimento da psiquiatria. Sem embargo desta metodologia, em homenagem à estética, realizar-se-á uma organização rendida aos modelos clássicos de divisão, mesmo que isso aprioristicamente custe uma inadequação entre os movimentos e seu enquadramento nesta linha do tempo.

Ademais, quando se fala em análise da genealogia significa dizer que pesquisa aborda aspectos baseados em dados históricos. Neste mesmo diapasão, será de suma importância, as citações de documentos da época, interpretação de objetos artísticos, busca das leis e atos normativos da época, além de relatos contidos na própria literatura. É por meio da análise destas fontes que se chega ao passado e se conhece a História. Entretanto, não obsta asseverar que a construção histórica e modo como é contada e propagada pelas gerações é sempre aquela do vencedor, distorcida e influenciada na medida de suas convicções e da moral que o cerca.

Quando se tem como objeto de pesquisa a genealogia da sexualidade, na realidade, deve-se ter em mente que muitas das informações que chegaram aos dias hodiernos, por meio de traduções, reproduções ou por sua própria conservação, sofreu

influência do crivo implacável da moralidade. Maxime quando se almeja examinar a genealogia de um tema ainda hoje tão efervescente, o que dirá da seguridade das fontes hoje disponíveis e sua correspondência com o passado? Das inúmeras civilizações antigas aniquiladas no passado, o que se perdeu? Quantos manuscritos valiosíssimos e objetos artísticos não foram destruídos ou modificados pelo crivo de censura? Como muito bem apontou André Gide, em sua obra *Corydon*, em que trata de forma tão digna e elevada às questões relacionada à homossexualidade:

Seria bem interessante analisar os originais manuscritos antigos, somente assim seria possível ver se os eruditos monges que transmitiram os textos não teriam suprimido às vezes aquilo que os escandalizava, por respeito à causa; ou se ao menos não teriam conservado aquilo que não os escandalizava tanto GIDE (1971: p. 87).

## Desenvolvimento

A historiografia considera o período Pré-Histórico como todo aquele pretérito ao surgimento da escrita da humanidade, ocorrido na Mesopotâmia antes do quarto milênio da Era Cristã. Já que não havia registro escrito, o período primitivo é mais compreendido pela antropologia, por meio do estudo de fósseis, pinturas rupestres e observação dos primatas. O trabalho da pesquisa se complica ainda mais quando o objetivo diz respeito à evolução da homossexualidade e o surgimento do falocentrismo na humanidade.

A Idade da Pedra Lascada ou Paleolítico, de *παλαιός λίθος* – *palaiós lithos* –, antiga pedra (DICIONÁRIO ACADÊMICO, 2009), se refere ao primeiro período de surgimento humano. O nome se deve evidentemente à utilização da pedra lapidada em forma de lâmina, necessária à caça, colheita e construção de utensílios. A mais formidável descoberta deste período é o fogo. Como não havia

<sup>5</sup> O paradigma se refere a um esquema global de algumas hipóteses de base sobre as quais cada época científica baseia as suas orientações e valores. Não obstante, com o tempo, este modelo se torna obsoleto e não responde mais as demandas e exigências da sociedade: cria-se então a crise do paradigma dominante (SANTOS, 2001).

nenhum conhecimento relativo à agricultura ou pecuária, os pequenos grupos humanos que habitavam o sul europeu e o norte africano eram nômades. Sua migração dependia exclusivamente da busca por alimento, conforme os vegetais acabavam e os animais se tornavam raros, se buscava uma nova instância.

Durante todo o Paleolítico, em relação à divisão de tarefas, assim como ocorre entre os primatas, é bem provável que existisse um critério sexual de divisão: as mulheres permaneciam com o restante do grupo, coletando pequenos alimentos nas redondezas, ao mesmo tempo que se dedicavam às crianças, idosos e doentes; enquanto que os homens saíam para caçar. As viagens de caça podiam levar dias e às vezes semanas (BANDINTER, 1986). O ambiente extremamente hostil para humanos armados apenas com lanças de gravetos e pedaços de paus era outro agravante. As mulheres tinham que se acostumar com a ausência dos homens. Nesse período, a arte rupestre demonstra muito mais do que representações sem sentido da vida primitiva. Do ponto de vista religioso, este é o período em que se datam mais objetos que simbolizam o feminino, o que demonstra que os primitivos cultuavam a figura da mulher, possivelmente por sua capacidade de gerar a vida. São inúmeras estatuetas esculpidas em ossos e pedra que simbolizam a mulher. Enquanto que, no mesmo período, quase não se encontram qualquer vestígio de simbolização masculina. Desenhados nas paredes das cavernas, inúmeros desenhos e ranhuras representam vulvas, mulheres grávidas, partos e o aleitamento.

Os ancestrais do Paleolítico e do começo do Neolítico imaginavam o corpo da mulher como um receptáculo mágico. Devem ter observado a forma com que miraculosamente se produz gente. Também devem se ter maravilhado com o fato de ele prover alimento. Acrescente a isso, o poder aparentemente mágico de fazer com que o órgão masculino se erga e a capacidade extraordinária da mulher para o prazer sexual EISLER (1996: p. 40).

Era desconhecido o vínculo entre o coito sexual e a procriação, os homens não imaginavam que figuravam qualquer participação na gestação, todo o mérito de se criar a vida era dado às mulheres. Este fato permaneceu incompreendido por milênios. O culto ao feminino demonstra muito mais do que o respeito dos homens em relação às mulheres, em realidade, ele simboliza uma total submissão e obediência por parte deles. Naquela religião primitiva, as mulheres eram mais do que sacerdotisas e representantes divinas, elas eram ditas como próprias deusas, as divindades vivas. Para o imaginário masculino, as mulheres eram as guardiãs da vida e da morte e seus poderes influenciavam toda a natureza. A fertilidade era característica exclusiva feminina, estando a mulher associada aos poderes que governavam a vida e a morte. É inimaginável à sensação hodierna qual a sensação que os homens primitivos deviam sentir ao copularem com suas próprias deusas, ou então, a sensação que as próprias mulheres sentiam ao serem tratadas como divindades vivas.

Com o advento da agricultura, durante o Neolítico<sup>6</sup>, os grupos humanos não necessitavam mais se deslocar em períodos sazonais na busca por alimento, eles descobrem que podiam permanecer num local e cultivar o solo. A fixação em territórios fez surgir muito mais do que a noção de propriedade privada, a partir daquele período, surgiram as primeiras disputas de terras, pois os novos grupos humanos passariam a lutar pelas localidades mais férteis, onde haveria melhor possibilidade de desenvolvimento. Ademais, em paralelo à descoberta da cultura agrícola, os humanos passaram a domesticar os animais – porcos, galinhas, ovelhas, cães e cavalos – para lhe servirem de alimento, segurança e tração.

O homem-caçador se tornou homem-pastor, enquanto que a mulher-colhedora se transformou em mulher-fazendeira. A domesticação animal começou com as cabras ou mais provavelmente ovelhas, sendo que os

<sup>6</sup> Idade da Pedra Polida ou Neolítica, de *νέος λίθος* – néo lithos –, pedra nova, é o período posterior à Idade da Pedra Lascada, se estende aproximadamente do décimo ao terceiro milênio. O grande fenômeno nesse processo é o fim do povoamento nômade, o qual se deu graças à Revolução Agrícola (DICIONÁRIOS ACADÊMICOS, 2009).

primeiros agricultores logo aprenderam que as ovelhas segregadas não produziam cordeiros nem leite. Quando um ou dois carneiros eram introduzidos no rebanho, os resultados eram espetaculares LINZ (2013: p. 45).

O mito de que as mulheres podiam rocriar sozinhas se tornou obsoleto, o processo de dessacralização do feminino se inicia. Os homens não só se deram conta de que a natureza não era mais controlada pelas mulheres, como também percebem que eles seriam os verdadeiros responsáveis pela vida, uma vez que detinham o instrumento capaz de semeá-las. Como não havia nenhum conhecimento a respeito do processo de ovulação e o verdadeiro papel do sêmen, o mais óbvio foi constatado: o segredo da vida estava no pênis<sup>7</sup>. Contudo, a descoberta do Falo trouxe mais dilemas que soluções. Primeiramente, no que se refere aos laços de linhagem, até então as mulheres não pertenciam a ninguém, qualquer homem podia copular com quem quisesse. Não havia sequer o tabu do incesto, uma vez que inexistia o conhecimento dos laços familiares. Ademais, de agora em diante, evidenciou-se que os filhos não eram mais meros rebentos maternos, eles eram frutos da semente masculina. Com a descoberta do papel paterno na geração dos filhos, surge o conceito de família e, conseqüentemente, a noção de linhagem.

Durante a Idade dos Metais, o culto ao Falo se intensifica. O pênis se tornou o objeto de adoração e fé religiosa. Na qualidade de *phallos*, era reverenciado da mesma forma que o órgão feminino o fora durante milênios. O fenômeno do culto fálico se espalhou por todo o mundo antigo. Não se sabe ao certo onde e quando começou. É muito provável que essa ideia tenha surgido espontaneamente, em diferentes partes LINZ

(2013: p. 45). Outrossim, a descoberta do arado fez com que mais animais fossem usados na manutenção da fazenda primordial, o que redobrou a importância do cruzamento. Se ainda restava alguma dúvida em relação ao mito da geração espontânea e da divindade feminina enquanto portadora de poderes místicos, ela se tornara absolutamente nula com a domesticação dos cavalos. O manejo da pecuária e a criação equina fizeram com que o homem ressignificasse ainda mais seu papel enquanto macho dominante e procriador.

É claro que esse processo de dessacralização da figura feminina e formação do patriarcado foi longo e gradual. Possivelmente a figura da Deusa ainda devia ser cultuada durante parte do período metálico, contudo, paulatinamente, os homens começaram a ver nas mulheres seres inferiores, dignas de serem dominadas<sup>8</sup>. Qual a lógica de adorar algo feminino?

O culto a um Deus maior e poderoso se tornou necessário. A idolatria de uma figura masculina, que se iniciou no final do primitivismo e se estendeu até os dias hodiernos, é uma clara evidência da influência falocêntrica.

Assim, as deusas da Pré-História perderam o seu espaço e registro, quando o homem descobriu o seu papel sexual. Após a instalação do patriarcado, há cerca de cinco mil anos, a mulher adquiriu *status* de mercadoria: podia ser comprada, vendida ou trocada. Passou a ser considerada inferior ao homem e, por conseguinte, subordinada a sua dominação LINZ (2013: p. 24).

No que se refere propriamente à questão da homossexualidade, pouco se pode afirmar com precisão, uma vez que os próprios livros de antropologia reservam apenas vagas citações de

<sup>7</sup> Do lado das valorizações positivas, existe inicialmente a do sêmen, preciosa substância para cuja formação a natureza tomou, na ordenação do corpo humano, tantas preocupações: ele reúne o que há de mais potente na vida, ele transmite, e possibilita escapar da morte; é no macho que ele encontra toda sua força e a mais alta perfeição. E é ele que lhe dá sua superioridade FOUCAULT (2006: p. 116).

<sup>8</sup> Quando o homem passa a se habituar de viver de animais escravizados, para carne, queijo, leite e couro, como praticamente a única fonte de subsistência, se pode acostumar facilmente em escravizar outros seres humanos. Como a empatia e o amor são, em qualquer contexto, suprimidos, isso tende a resultar no que os psicólogos chamam de afeto embotado – uma capacidade reduzida extremamente compartimentalizada de responder a outros sentimentos que não a raiva, o desrespeito e emoções duras semelhantes EISLER (1996: p. 160).

rodapé a esse respeito. Mesmo livros específicos a respeito da historiologia homossexual simplesmente ignoram a vida Pré-Histórica. Não obstante essa negligência, Spencer, em sua obra *Homossexualidade: uma história* (SPENCER, 1999), lembra que grande parte dos esforços em se entender a homossexualidade no movimento histórico pode se dar pela comparação com os primatas, por meio da zoologia e da antropologia.

Observações mais recentes têm proporcionado novos enfoques a respeito da homossexualidade entre primatas. Relacionamentos sexuais entre primatas do mesmo gênero é com frequência uma solução para a rivalidade entre machos jovens e maduros. Quando o macho dominante se apodera de todas as fêmeas, os machos mais jovens procuram e conseguem proteção do adulto superior pela adoção de uma postura feminina. Contudo, zoólogos e antropólogos têm sido notoriamente reticentes sobre a divulgação do comportamento sexual de tribos que têm estudado. Os dados antropológicos têm tendido a tratar o amor homossexual como um fenômeno, escondendo as referências a ele em rápidas passagens ou pés de páginas. Há evidências de que muitas tribos praticavam rituais de iniciação entre velhos e jovens e de travestismo. Há também algumas provas da ligação de comportamentos homossexuais entre adultos, mas nunca em tribos que favoreciam a iniciação sexual dos meninos SPENCER (1999: p. 16).

O que se pode cogitar, pelo menos durante o período de divinação feminina, é que as relações homossexuais femininas devem ter sido recorrentes. Visto que os homens se ausentavam por longos períodos de tempo, a mulher primitiva possivelmente devia satisfazer seus impulsos libidinosos ora na solidão, ora por meio da ajuda de outras mulheres. Pelo mesmo motivo, as práticas homossexuais entre os homens devem ter sido normais durante o período de caça. Possivelmente, os homens mais fortes dominavam os mais fracos. Alguns poderiam até se deixar dominar sem qualquer resistência, semelhante ao que ocorre com outras espécies de animais. E praticamente inexistindo qualquer noção moral

ou influência de pudor, é possível que no início da humanidade as relações homossexuais tenham sido encaradas com certa naturalidade.

Contudo, é provável que o cenário tenha mudado ao passo que os homens deixaram de cultuar a Deusa para cultuar o Falo. O imaginário de pênis, sexo e poder definitivamente mudou a relação entre as pessoas. Assim como os homens passaram a dominar as mulheres, é bem provável que a ideia de uma dominação e passividade durante o intercurso sexual tenha sido um empecilho. As práticas femininas de homossexualidade também devem ter se tornado mais raras, visto que, com a tomada de poder masculino, elas passaram a ser propriedade masculina – inicialmente paterna e depois marital. De certo modo, pouco se pode falar em sentimento homofóbico num período tão longínquo, visto que a figura do homossexual só será bem entendida pela sociedade no final do medievo.

O fim do matriarcado, por meio do destronamento da Deusa primordial, foi o início do movimento misógino que atingiu seu ápice no medievo e ainda guarda seus reflexos camuflados nos dias de hoje. A descoberta do poder fálico fez com que o imaginário masculino criasse um sentimento de total prepotência e soberba, juntamente, talvez com um amargo arrependimento por ter cultuado tanto tempo uma mentira. A relação entre o sexismo e a homofobia ocorre à medida que não existe mais lugar para qualquer tipo de personificação que lembre a figura feminina. Tudo o que for feminino na sociedade deve ser descartado, igualmente que seja recalçado qualquer traço efeminado. Esse sentimento falocêntrico será tão grande e devastador que se arrastará por muito tempo.

## Conclusão

A homofobia é mais do que uma realidade, ela é um fato social, e está intimamente ligada com a questão da misoginia, uma característica milenar que vem acompanhando a humanidade, o que, por si só, já justificaria a pertinência temática deste trabalho.

Entretanto, a presente pesquisa não teve como escopo se dedicar à análise das estatísticas desta violência, muito menos se debruçar sobre seu atual estado. Na mais lacônica e concisa análise genealógica da homofobia não há como ignorar seu longínquo e primitivo resquício de memória, por meio da arqueologia historiográfica e da antropologia, em busca de respostas que tentem explicar a evolução desse fenômeno de extrema violência e hostilidade. Nesse sentido, o retrocesso ao passado é explicado enquanto metodologia de pesquisa, à medida que se buscam suas radicais causas, uma vez que não é possível se entender o presente sem se voltar ao passado.

Logo, não obstante o colorido da bandeira do Movimento Gay, na mais leviana observação da história da homossexualidade, é possível notar um passado bastante cinzento. Com maior evidência ainda é o fato de que os processos culturais envolvendo tal fenômeno, mormente em que pese a violência, estão intimamente ligados ao feminismo. Dessa forma, observa-se que a opressão de gênero, mormente no que tange o pensamento misógino, sempre esteve acompanhada do ranço anti-homossexual. De forma que a homofobia, enquanto manifestação individual e coletiva de agressividade perante um indivíduo homossexual, ou a qualquer comportamento social ou cultural que expresse a homossexualidade, se torna um apêndice do próprio fenômeno sexista.

Durante o período Pré-Histórico, a religião primitiva estava relacionada ao culto do feminino, como ainda não havia nenhuma relação casuística entre o ato sexual e a gestação, os homens observavam maravilhados o processo de gravidez, como se a mulher magicamente tivesse o dom divino de criar a vida. Porém, a dinastia feminina durou pouco: com

o início do Neolítico, os primitivos desenvolveram a arte da pecuária e puderam observar que grupos de fêmeas não geravam filhotes sozinhas. O homem, então, descobriu que o segredo da vida estava em sua ferramenta viril e poderosa. O falocentrismo foi, pois, o culto à antípoda do culto feminino, pois não havia mais sentido em idolatrar a mulher. O feminino se tornou mais do que obsoleto, ele foi dominado e aniquilado pelos padrões culturais.

Destarte, considerados quer pecadores perante a onisciência divina, quer criminosos aos olhos cegos da Justiça, ou ainda, doentes mentais segundo a análise científica, a grande verdade é que, até bem pouco tempo, os homossexuais não passavam de uma massa inerte e inútil na sociedade, um páreo que deveria ser aniquilado e exterminado. Nesse diapasão, *mutatis mutandis*, não é nada exagerado dizer que, atualmente, diante das produções de entretenimento de massa, a homossexualidade permanece com sua finalidade incólume, qual seja, servir de chacota em programas de humor barato, por meio de personagens ridículos e estereotipados. Isso quando não são hostilizados nas ruas ou alvo de alguma piada feita por qualquer machista, motivado por sua carência de autoafirmação masculina ADAID (2013: p. 101).

Em suma, a ter em vista os levantamentos bibliográficos, levando-se em conta a perda do trono feminino durante o período Neolítico para o falocentrismo simbólico, é possível asseverar que a homofobia está relacionada com uma necessidade de se sobrepor diante do outro, estando muito além do que uma autoafirmação falocêntrica. Segundo as discussões do presente trabalho, pôde-se concluir que a homossexualidade, na ordem simbólica, em seus mais diversos aspectos, se aproxima de veras do feminino, uma vez que a prática homossexual se contrapõe ao comportamento heteronormativo.

Logo, a prática homossexual se coloca como negação à própria heterossexualidade e, conseqüentemente, ao ideal de masculinidade e virilidade; a resposta homofóbica se refere, então, a uma rejeição ao próprio feminino. A mulher, que

outrora era divinizada, simbolizando não apenas a fertilidade, como a própria vida, é destronada. O falo, símbolo doravante máximo da potência, pois representa o próprio instrumento semeador, se torna, então, centro da cultura e com ele se constrói não apenas uma excomunhão do feminino, mas um verdadeiro sentimento de ódio e agressividade, o qual, por certo, se prolonga do sentimento misógino até o homofóbico.

## Referências

ADAID, Felipe (2013). *Genealogia da Homofobia: violência e falocentrismo*. Trabalho de Conclusão de Curso: Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

ABBAGNANO, Nicola (2007). *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes.

BADINTER, Elizabeth (1986). *Um é o outro*. de Janeiro: Nova Fronteira.

DICIONÁRIOS ACADÊMICOS (2009). *Grego-Português; Português-Grego*. Portugal: Porto.

EISLER, Riane (1996). *O prazer sagrado: sexo, mito e política do corpo*. de Janeiro: Rocco.

GIDE, André (1971). *Córidon*. SP: Civilização Brasileira.

LINZ, Regina Navarro (2013). *O livro do Amor I: Pré-história à Renascença*. de Janeiro: Bestseller.

PESSOA, Fernando (2010). *Cancioneiro*. São Paulo: Martin Claret.

NIETZSCHE, Friedrich (2000). *Além do bem e do mal: prelúdio de uma filosofia do futuro*. SP: Escala.

NIETZSCHE, Friedrich (2001). *Ecce Homo: de como a gente se torna o que se é*. SP: Companhia das Letras.

NIETZSCHE, Friedrich (2005). *Humano, demasiado humano. Um livro para espíritos livres*. São Paulo: Companhia das Letras.

NIETZSCHE, Friedrich (2007). *Genealogia da moral: uma polêmica*. SP: Companhia das letras.

NIETZSCHE, Friedrich (2008). *Escritos sobre Educação*. RJ: PUC RIO.

NIETZSCHE, Friedrich (2009). *Crepúsculo dos ídolos: ou como se filosofa com o martelo*. SP: L&MP.

NIETZSCHE, Friedrich (2010). *A gaia ciência*. SP: Companhia das Letras.

NIETZSCHE, Friedrich (2011). *Assim Falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. SP: Companhia das Letras.

NIETZSCHE, Friedrich (2012). *O Anticristo: A Maldição contra o Cristianismo*. SP: L&MP.

SANTOS, Boaventura de Sousa (2001). *Um Discurso sobre as Ciências*. Porto: Edições Afrontamento.

SOBRINHO, Noéli Correia de Mello (2007). Apresentação. In NIETZSCHE, Friedrich. *Escritos sobre Política*. RJ: PUC RIO.

SPENCER, Colin (1999). *Homossexualidade: uma história*. São Paulo: Record.